

AUGUSTUS NICODEMUS

# O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO

A MENSAGEM DE ROMANOS 1-7  
PARA A IGREJA DE HOJE

  
VIDA NOVA

Há algum tempo, um conferencista internacional que acabara de ouvir uma pregação do rev. Augustus Nicodemus me disse que nunca tinha recebido uma exposição tão lúcida, clara, precisa e pertinente como aquela. Essas características marcantes também estão presentes nesse livro, por meio do qual o dr. Augustus nos ajuda a aplicar essa epístola aos nossos dias, nos quais “a verdade é sempre relativa, e o homem, sem respostas, já não sabe para onde deve ir”, como aponta o autor em seu comentário de Romanos 1.21. É com grande honra e alegria que recomendo essa exposição de Romanos, já ansioso para ler o que ainda há de vir da mente e do coração desse servo de Deus.

PB. F. SOLANO PORTELA NETO, diretor educacional do Instituto Presbiteriano Mackenzie

Com competência exegética e aplicações relevantes, esse comentário dos capítulos de 1 a 7 da Carta aos Romanos é um inestimável recurso para pastores, seminaristas, pregadores e todos os cristãos que estejam em busca de uma compreensão clara do evangelho.

CLEYTON GADELHA, diretor executivo da escola Charles Spurgeon

Ao longo dos tempos, Deus usa homens fiéis para propagar e defender seu evangelho. Augustus Nicodemus é um desses homens e, por meio de suas pregações e escritos, tem trazido luz à igreja evangélica brasileira. Esse comentário de Romanos é mais um exemplo disso. Em tempos de tantos falsos evangelhos, Nicodemus nos faz refletir sobre o verdadeiro evangelho da graça de Deus. Por isso, recomendo a leitura desse precioso livro.

PR. EUDER FABER GUEDES FERREIRA, presidente da Visão Nacional para a Consciência Cristã (VINACC)

Ouvi praticamente todas as mensagens que deram origem a esse livro. Foram dezenas de sermões, agora transformados em centenas de páginas de clara explicação do texto de Romanos 1—7, sem crescer ou tirar de seu conteúdo. O livro que você tem em mãos reúne capacidade acadêmica, fundamento bíblico-teológico, clareza homilética, reflexão prática e, certamente, iluminação do Espírito Santo. Sem dúvida, um comentário de Romanos que merece destaque.

MAURO MEISTER, pastor da Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo, diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e autor do livro *A origem da idolatria* (Vida Nova)



# SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| Prefácio .....   | 11  |
| Introdução .....                                       | 13  |
| CAPÍTULO 1   |     |
| O evangelho de Deus.....                               | 25  |
| CAPÍTULO 2   |     |
| O amor de Paulo pelos romanos .....                    | 37  |
| CAPÍTULO 3   |     |
| Evangelho: o poder de Deus para salvar .....           | 51  |
| CAPÍTULO 4   |     |
| A revelação de Deus na natureza.....                   | 63  |
| CAPÍTULO 5   |     |
| A origem da idolatria .....                            | 75  |
| CAPÍTULO 6   |     |
| Abandonados: o juízo de Deus sobre nossa geração ..... | 85  |
| CAPÍTULO 7   |     |
| Homossexualidade: uma perspectiva bíblica.....         | 97  |
| CAPÍTULO 8   |     |
| Mentes reprovadas.....                                 | 119 |
| CAPÍTULO 9   |     |
| O fundo do poço .....                                  | 137 |
| CAPÍTULO 10  |     |
| Paulo e o moralista .....                              | 153 |

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 11                         |     |
| O dia do juízo.....                 | 169 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 12                         |     |
| A lei no coração .....              | 185 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 13                         |     |
| A hipocrisia e seus defeitos.....   | 203 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 14                         |     |
| A verdadeira circuncisão .....      | 219 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 15                         |     |
| Meu pecado e a glória de Deus ..... | 235 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 16                         |     |
| Debaixo do pecado.....              | 253 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 17                         |     |
| O caminho da justificação.....      | 275 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 18                         |     |
| Cristo, nossa propiciação .....     | 295 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 19                         |     |
| Deus não nos deve nada.....         | 315 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 20                         |     |
| O selo da fé salvadora .....        | 329 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 21                         |     |
| Herdeiros do mundo pela fé.....     | 345 |
| <br>                                |     |
| CAPÍTULO 22                         |     |
| Abraão: crendo com esperança .....  | 361 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| CAPÍTULO 23   |     |
| Paz, acesso e regozijo .....                        | 377 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 24   |     |
| O amor de Deus pelos que são seus.....              | 391 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 25   |     |
| O pecado original .....                             | 407 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 26   |     |
| Os dois homens.....                                 | 425 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 27   |     |
| O caminho da santidade .....                        | 445 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 28   |     |
| Como Deus nos liberta da escravidão ao pecado ..... | 467 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 29   |     |
| Como posso me apresentar a Deus?.....               | 485 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 30   |     |
| Mortos para a lei .....                             | 505 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 31   |     |
| A lei e o pecado .....                              | 521 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO 32   |     |
| Confissões de um judeu após a conversão .....       | 537 |
| <br>  |     |
| Considerações finais .....                          | 555 |

## PREFÁCIO

**O** volume que você tem em mãos é o resultado de uma série de exposições que fiz em Romanos, quando pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, do capítulo 1 até o final do capítulo 7.

Não foi a primeira vez que expus a magistral epístola do Apóstolo dos Gentios. Durante meu ministério em Recife, nos anos 1990, expus todos os capítulos da carta na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. E mais recentemente, durante uma temporada no Palavra da Vida Oeste, em Caldas Novas, Goiás, ofereci uma visão panorâmica de toda a carta. Além de pregar essas séries, tenho pregado constantemente em passagens isoladas da carta em muitas e diferentes igrejas no Brasil e no exterior.

A razão do meu interesse pela Carta aos Romanos ficará clara para o leitor à medida que se debruçar sobre as páginas que seguem. Romanos é majestosa, misteriosa, inspiradora e desafiadora. Na “Introdução”, apresento as razões de sua importância. Mas, acima de tudo, acredito que a relevância da carta para nossa geração se deva à ênfase que Paulo dedica à doutrina da justificação pela fé, sem as obras da lei. Embora o contexto judaico que provocou essa ênfase na época de Paulo não tenha relevância para leitores brasileiros que vivem no Ocidente cerca de dois mil anos depois, o legalismo e a ênfase na participação meritória do ser humano na salvação, defendida por muitas seitas que se dizem cristãs, criam a mesma demanda dos tempos apostólicos. É preciso mais uma vez redescobrir a doutrina da salvação pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo, como Martinho Lutero fez, dando início à Reforma protestante do século 16.

Agradeço aos membros da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, que tão pacientemente acompanharam a exposição em série dos capítulos iniciais dessa carta.

A minha oração é que essa obra seja usada por Deus para abençoar todos os leitores que aqui buscarem não somente compreender mais de perto o significado da Carta aos Romanos, mas também aplicar seus ensinamentos à própria vida.

Rev. dr. Augustus Nicodemus Lopes  
Abril de 2019



## INTRODUÇÃO

Através dos séculos, a igreja tem afirmado e ensinado que Deus salva pecadores mediante a fé em Jesus Cristo. Essa é a mensagem característica da igreja cristã. Embora desempenhe muitas atividades e papéis no mundo, como obras sociais e atendimento a necessitados, além de se posicionar diante da cultura e de se inserir na sociedade, a igreja é reconhecida porque ressoa a mensagem das boas-novas, de que Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Desde seu início, a igreja cristã vem proclamando aquilo que conhecemos como o evangelho, que é a boa notícia da parte de Deus. Desde o início, também, foi (e continua sendo) necessário lutar para preservar a pureza dessa mensagem, pois já no primeiro século começaram a aparecer distorções e falsas apresentações dela.

Já na época do apóstolo Paulo, por exemplo, havia os judaizantes, isto é, judeus convertidos ao cristianismo que afirmavam que quem cresse em Cristo para ser seu salvador deveria guardar as obras da lei de Moisés a fim de garantir sua salvação. Obviamente, isso nada mais era do que uma distorção do evangelho, porque Deus concede a salvação pela graça, mediante a fé em Cristo Jesus. Na mesma época, apareceram também os libertinos, que usavam a graça de Deus como licença para o pecado; eles diziam que a maneira de as pessoas viverem não importava, já que Cristo as salvara. Essa era outra distorção do evangelho.

No século 2, surgiu o chamado gnosticismo, que também distorcia o evangelho ao tentar misturar a fé cristã com categorias do pensamento helênico. Consequentemente, ensinava que Cristo não teve um corpo real durante seu ministério terreno, que ele não ressuscitou com um corpo físico

e que a salvação era mediante um conhecimento (*gnosis*) secreto, dado por Deus a uns poucos iluminados. Esse movimento exigiu que a igreja combatesse os mestres gnósticos, debatendo e finalmente vencendo a batalha no século 4.

Mais tarde veio a institucionalização da igreja, a qual, no decorrer dos séculos, tornou-se uma grande hierarquia encabeçada por um papa infalível. Durante a Idade Medieval, doutrinas estranhas entraram na igreja, como a adoração de Maria, a veneração de santos, a doutrina do purgatório, a inclusão das obras como forma de salvação (juntamente com Jesus Cristo) etc.

Depois que tudo isso foi vencido, há 500 anos, pela Reforma protestante, surgiu o liberalismo teológico no século 19, outro grande desafio enfrentado pela igreja cristã. Seus adeptos, estudiosos alemães, ingleses e de toda a Europa, passando pelos Estados Unidos e chegando ao Brasil, afirmam que a Bíblia está cheia de erros, que estamos na era da razão e não precisamos de Deus. Para os teólogos liberais, a Bíblia é, na verdade, uma coleção de mitos; eles sustentam que Jesus era um profeta que ensinava sobre moral e ética e que seus discípulos inventaram histórias a seu respeito, como a que diz que ele morreu em uma cruz. Novamente, aqui, a igreja precisou lutar pela verdade do evangelho.

Embora o liberalismo como movimento esteja praticamente extinto, ainda é possível encontrar quem o defenda. Hoje, porém, a igreja tem se concentrado na luta contra outras distorções do evangelho, como o evangelho da prosperidade, pregado por pastores e denominações que fazem com que o evangelho pareça ser apenas uma chave que dá acesso a Deus, trazendo prosperidade, sucesso e o carro do ano a quem o busca por meio de campanhas e entrega do dízimo. E lá vamos nós, outra vez, lutar pela pureza do evangelho.

Em todas as gerações, a igreja tem sido obrigada a lutar pelo evangelho, pois sempre há distorções da mensagem. Vivemos em uma época repleta de distorções a

respeito do que são as boas-novas da parte de Deus. Por isso é importante sempre voltarmos às Escrituras e fazermos as seguintes perguntas: O que é o evangelho? Estamos caminhando nele? É no evangelho original, puro e simples que nós cremos?

É por esse motivo que estou escrevendo este livro. A carta de Paulo aos crentes de Roma é certamente o melhor lugar para começarmos a responder a essas questões.

## **A importância da Carta de Paulo aos Romanos**

Todos os leitores da Bíblia reconhecem a tremenda importância de Romanos. As cartas de Paulo têm em média cerca de 1.300 palavras. Romanos tem 7.100 palavras. Mas, não é apenas por ser a mais extensa que Romanos é reconhecida como provavelmente a mais importante de todas. Ela é certamente a mais sistemática, embora não seja um “compêndio de doutrina cristã”, como o reformador Filipe Melâncton chegou a declarar em sua obra *Loci Communes* (1521). Nela, Paulo desenvolve de forma mais aprofundada temas apresentados nas cartas que havia escrito anteriormente (Gálatas, p. ex.), como a lei, as obras da lei, a salvação pela fé, Israel e a igreja.

A importância de Romanos se percebe também pelo impacto que teve em pessoas-chave da história da igreja. Conforme F. F. Bruce nos informa em sua obra *The Epistle to the Romans* (London: Tyndale, 1963), essa carta teve um papel decisivo na vida destas pessoas: Agostinho converteu-se lendo Romanos 13.12-14. Lutero converteu-se meditando em Romanos 1.16,17. John Wesley converteu-se ao ouvir o prefácio de Lutero à Carta aos Romanos. Por certo poderíamos citar nomes menos conhecidos que também foram transformados pela leitura dessa carta. Pessoalmente, menciono um de meus professores da Potchefstroom Christian University, na África do Sul, que se converteu no

leito de hospital lendo o comentário de Martyn Lloyd-Jones em Romanos 7.

A Carta aos Romanos desafiou as mentes mais brilhantes da história da igreja. Alguns dos melhores comentários já produzidos no Novo Testamento foram dessa carta. Aqui cito alguns dos mais conhecidos. Começando com os pais da igreja até a Reforma, temos Orígenes (século 3), João Crisóstomo (homílias do século 4), Teodoreto (século 5, baseado em Crisóstomo), Ambrosiáster (século 4, reconhecidamente um pseudônimo), Pelágio (século 4), Hugo de São Victor (místico conhecido do século 12) e Tomás de Aquino, que desenvolveu o método exegético de Agostinho e tentou forçar Paulo a caber dentro do seu sistema filosófico e do escolasticismo filosófico da Idade Média.

Da Reforma e Pós-Reforma temos a obra de Erasmo de Roterdã, *Paráfrase do Novo Testamento* (1522), e as palestras de Lutero em Romanos proferidas na Universidade de Wittemberg, em 1515-1516, dois anos antes de afixar as 95 teses. Em 1522, ele escreveu *Prefácio à Carta de Paulo aos Romanos*. Calvino escreveu *Comentários às epístolas do apóstolo Paulo*, em 1539. Jacó Armínio, século 17, escreveu dois tratados anticalvinistas sobre os capítulos 7 e 9 de Romanos. John Locke, conhecido filósofo, devotou os últimos anos de vida ao estudo das cartas de Paulo. Publicou, entre 1705-1707, *Paráfrase e notas em Gálatas, Romanos, Efésios e Coríntios*.

No Período Moderno temos o clássico comentário do alemão H. A. W. Meyer, já no século 19. Meyer é considerado o fundador do estilo moderno de comentários: científico (aplicação rigorosa [demais] do método gramático-histórico) e popular (conciso e direto). Seu comentário passou por muitas edições e ainda é um dos preferidos dos estudiosos.

Charles Hodge, professor de Princeton, publicou seu comentário em Romanos em 1835, reescrito em 1864. Hodge foi muito influenciado por Meyer. Ele oferece uma exposição doutrinária de Romanos baseada na Confissão

de Fé de Westminster. Na mesma linha, temos o comentário de John Murray, do Seminário de Westminster (1959). F. Godet, francês, publicou seu comentário de Romanos em 1879; este foi traduzido para o inglês em 1881 por um teólogo franco-suíço treinado na Alemanha. O comentário de Romanos da série International Critical Commentary (ICC), escrito por Sanday e Headlam (1895), foi seguido pelo de C.E. Cranfield, em 2 volumes, em 1979. Também bastante conhecido é o comentário de Robert Haldane, publicado em meados do século passado, com base nas anotações dos estudos que ministrou em Romanos a jovens que estavam se preparando para o ministério em Genebra. Conforme Martyn Lloyd-Jones escreveu no prefácio a esse comentário, um avivamento espiritual teve início com as exposições de Haldane, e todos os seus jovens estudantes, um a um, converteram-se durante as aulas — entre eles o mais tarde famoso M. Daubigne. Karl Barth escreveu seu comentário *Carta aos Romanos*, em 1918. Essa obra, reescrita em 1921, foi instrumental para o enfraquecimento do liberalismo teológico dominante nos meios acadêmicos e eclesiásticos da Europa, no início do século 20, embora o autor não tenha se livrado da influência do método histórico-crítico em sua obra.

Mais próximo de nós, podemos mencionar o volumoso comentário de Martyn Lloyd-Jones, uma transcrição de seus sermões pregados na Capela de Westminster, Inglaterra, de 1955 a 1968. Do lado liberal, temos o influente comentário de Ernest Käsemann, alemão e discípulo de Bultmann (1980). James D. G. Dunn escreveu o comentário de Romanos da conceituada série Word Biblical Commentaries, em 2 volumes (1988), no qual defende a “nova perspectiva sobre Paulo”. Do lado conservador, Douglas Moo escreveu o excelente comentário *Romans 1-8*, em 1990. Em anos mais recentes, comentários em Romanos têm sido publicados por autores renomados, como Thomas Schreiner, Leon Morris, C. E. B. Cranfield, John Stott,

F.F. Bruce, Richard Longenecker, para citar alguns. Tudo isso demonstra a importância da Carta aos Romanos e sua capacidade inesgotável de estimular estudiosos cristãos a desvendar seus mistérios e a entender seus ensinamentos.

## A autoria da carta

Passemos agora a algumas questões introdutórias à carta. Que Paulo foi seu autor, pouco é disputado hoje, embora no passado alguns críticos radicais tenham chegado a fazê-lo (E. Evanson, 1792; B. Bauer, 1852; A. D. Loman, 1882; R. Steck, 1888). As evidências externas da autoria paulina de Romanos são vastas. Essa carta foi citada e usada por pais da igreja como sendo de Paulo, tais como Clemente de Roma (século 2, *1 Clemente* 32.2, 35.5, 50.6ss), Inácio de Antioquia (século 2, Carta aos Efésios 19.3), Policarpo, bispo de Esmirna (século 2, Carta aos Filipenses, cap. 6) etc. Quanto às evidências internas, não precisamos entrar em detalhes, uma vez que não se disputa a autoria de Paulo. Mas entre elas temos Romanos 1.1, que afirma a autoria paulina, e o estilo, o vocabulário e a teologia semelhantes às demais cartas reconhecidas como sendo de Paulo, especialmente Gálatas, 1 e 2Coríntios. As teses contrárias não têm ganhado aceitação dos estudiosos.

Aqui seria interessante indagarmos qual foi o papel de Tércio na produção de Romanos. Ele aparece em Romanos 16.22: “Eu, Tércio, que redigi esta carta, vos cumprimento no Senhor”. Ao que tudo indica, Tércio foi o amanuense de Paulo, aquele que escreveu a carta sob a orientação do apóstolo. Existem várias teorias sobre sua participação na carta. Ele poderia ter feito um esboço, ampliado esse esboço e o submetido à apreciação e à aprovação de Paulo (Sanday; Headlam, *Critical and exegetical commentary on the Epistle to the Romans*, em *The International Critical Commentary*, 1895). Ou então ele compôs a carta, seguindo instruções de Paulo, e depois

o apóstolo a revisou (O. Roller, *Das Formular der paulinischen Briefe: Ein Beitrag zur Lehre vom antiken Briefe*, 1933). Ou ainda, segundo a teoria mais provável, ele escreveu por extenso o que Paulo ditou. Essa última é a hipótese mais aceita pelos estudiosos.

## A integridade do texto de Romanos

Há poucos problemas relacionados à integridade do texto de Romanos. O p46, o mais antigo manuscrito existente que contém as cartas de Paulo, não tem o capítulo 16 e tem a doxologia de 16.25-27 no fim do capítulo 15. Outros manuscritos têm a doxologia no fim do capítulo 14. Nada disso, porém, compromete a integridade da carta. A imensa maioria da evidência manuscritológica apresenta o texto de Romanos como o temos em nossas Bíblias.

## A igreja de Roma

Paulo destinou sua carta aos cristãos da cidade de Roma (Rm 1.7). Não sabemos ao certo como a igreja começou ali. Paulo certamente não foi seu fundador, nem Pedro. A principal hipótese levantada pelos estudiosos é que a igreja de Roma foi fundada por judeus que moravam em Roma e foram convertidos em Pentecostes, ao fazerem a peregrinação a Jerusalém. A multidão, ao ouvir os cristãos falando em línguas, reconheceu os idiomas de diversas nacionalidades, mesmo dos “romanos que aqui residem” (At 2.10, ARA). “Residir” não seria aqui a melhor tradução para o verbo empregado por Lucas, embora também tenha essa conotação. O mais provável foi que Lucas quis dizer que estavam “de visita” ou “residindo temporariamente ali durante a festa de Pentecostes” (cf. NVI, “visitantes vindos de Roma”). Esses judeus de Roma, ao regressarem à cidade, já convertidos, começaram a igreja ali. Ambrosiáster, em seu *Comentário aos Romanos* (século 4), diz no prefácio que os

romanos tinham se convertido sem ver nenhum milagre nem qualquer dos apóstolos. A declaração pode apenas significar que a conversão deles não se deu em Roma por meio da pregação de um dos apóstolos.

Essa hipótese é reforçada pela existência de uma grande comunidade cristã entre os judeus, sugerida por uma observação na obra *Vida de Cláudio* (imperador romano) dizendo que ele expulsou os judeus de Roma, em cerca de 49 a.D., “por instigação de certo Chresto”. Lucas se refere a essa expulsão (At 18.2), que levou Áquila e Priscila a saírem da cidade. “Chresto” é provavelmente “Cristo” e a nota pode refletir o levante da comunidade judaica contra os judeus convertidos, causando transtorno popular e obrigando o imperador Cláudio, que não sabia distinguir entre judeus e cristãos, a expulsar todos os judeus da cidade de Roma. Na época em que Paulo escreveu sua carta, a igreja de Roma aparentemente não estava sofrendo perseguições nem de judeus nem de romanos. Além dos judeus convertidos (Rm 2.17; 3.1; 4.1; 7.1,4), a igreja era composta de cristãos gentios (Rm 1.13; 11.13; 15.15,16).

### **Fator motivador e data de composição**

Antes de escrever essa carta, Paulo tinha planejado visitar a igreja de Roma. Contudo, havia sido impedido em razão de seus labores na região ao redor do mar Egeu (Rm 1.13; 15.22). Seu propósito era visitá-los e repartir com eles algum dom espiritual (Rm 1.11,15). Paulo pretendia também ganhar o apoio da igreja de Roma para seus planos missionários na Espanha (Rm 15.24,28). Ele tinha acabado sua obra missionária de pregar o evangelho “desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico” (Rm 15.19) e também concluído o levantamento de uma oferta para os pobres da Judeia (15.22-29). Estava se preparando para ir a Jerusalém. Provavelmente, isso ocorreu no ano em que ele deixou Éfeso, em sua terceira viagem missionária, quando



estava na Grécia (At 20.1,2). Tudo isso aponta para a cidade de Corinto como o local de onde Paulo escreveu a carta. Notemos que ele recomenda Febe, que era de Cencreia, o porto de Corinto (Rm 16.1,2), e que envia a saudação de Gaio, que tinha sido hospedeiro de Paulo em Corinto (Rm 16.23; cf. 1Co 1.14). Além disso, menciona Erasto (Rm 16.23), que era tesoureiro da cidade (cf. 2Tm 4.20). A partir desses fatos, podemos com relativa confiança situar a Carta aos Romanos entre os anos 57 e 59 a.D.

### **Qual o propósito de Romanos?**

Tem havido debate vigoroso entre os estudiosos quanto ao motivo pelo qual o apóstolo escreveu essa carta aos cristãos de Roma. O debate é gerado pelos seguintes fatos. Primeiro, a carta trata de temas gerais do evangelho e aparentemente pouco aborda assuntos locais referentes à situação dos crentes em Roma. Romanos não parece ser uma carta pastoral, como, por exemplo, 1Coríntios. Isso levou autores como o reformador Felipe Melâncton e mais atualmente Anders Nygren (*Romans*, 1967) a considerar Romanos um compêndio de ensino cristão. A carta teria como alvo dar aos cristãos de Roma, e posteriormente a toda cristandade, uma exposição completa da doutrina cristã. Porém, essa hipótese não explica as referências à situação específica dos romanos, nem explica a omissão de doutrinas importantes na carta, como cristologia e eclesio-logia, se de fato fosse um compêndio doutrinário. Outros consideram que Romanos pode ter sido originariamente uma carta circular, escrita por Paulo às igrejas cristãs em geral. Isso explicaria a aplicabilidade geral e ampla da carta e a evidência manuscritológica. A carta que sobreviveu foi a endereçada aos romanos (preservando os capítulos finais e a introdução). Mas, essa tese não explica as referências pessoais em Romanos 1.8-15, nem fornece o motivo pelo qual Paulo teria escrito uma carta circular.

Em segundo lugar, Paulo aborda na carta uma situação que parece específica da igreja de Roma, a questão dos fracos e fortes (Rm 14.1—15.13). Parece que Paulo teria informação de que esse problema estava acontecendo na igreja. A Carta aos Romanos teria sido escrita para admoestar os dois grupos a viverem em paz. Os “fracos” seriam judeus cristãos, acostumados a não comer carne, a guardar o sábado e o calendário judaico, enquanto os “fortes” seriam gentios cristãos, que usavam sua liberdade em Cristo para desfrutar de tudo e não seguir a lei de Moisés no que se refere a calendários e dieta. Os dois grupos não conseguiam viver em paz. Paulo, porém, não revela na carta intenção de mediar o debate. Seu propósito é simplesmente pregar em Roma (cf. Rm 1.11,15). Se seu alvo era realmente tratar do problema, porém, por que esperou até o capítulo 14 para abordá-lo? Um terceiro elemento que temos de levar em consideração é o vasto material na carta sobre a lei, Israel, circuncisão e obras da lei, bem como sobre a rejeição do Messias por parte dos judeus; todos esses temas ocupam praticamente do capítulo 2 ao 11. Se a carta era um compêndio doutrinário geral a ser distribuído às igrejas, ou se era uma carta destinada exclusivamente para a igreja de Roma, como explicar tantas referências aos questionamentos dos judeus quanto à doutrina da justificação pela fé? Autores como J. Christiaan Beker defendem que Romanos é um diálogo com o judaísmo, visando a responder perguntas que judeus cristãos fazem em geral: “Qual o papel de Israel na história da salvação?”; “Qual a função da Lei de Moisés e da circuncisão?”; “Por que Israel rejeitou o Messias?”. Paulo teria escrito a carta aos judeus da igreja e a possíveis interlocutores. Todavia, a carta é definitivamente dirigida também aos cristãos gentios de Roma (cf. Rm 1.13; 11.13).

Na verdade, não precisamos escolher entre as duas possibilidades. Romanos sem dúvida é uma carta destinada especificamente à igreja de Roma, a julgar pelo

conhecimento que Paulo tem dos problemas existentes na igreja, ao mesmo tempo que apresenta os pontos centrais do evangelho de Cristo à luz das questões judaicas daquela época.

Há três coisas que Paulo afirma na carta acerca de seu propósito em escrevê-la: (1) preparar sua visita a Roma (1.13; 15.22-24); (2) obter o apoio dos cristãos de Roma para sua missão à Espanha; (3) pedir orações sobre a coleta e a visita a Jerusalém (15.30-32). Como Paulo não era conhecido da igreja, era preciso que preparasse sua visita com essa carta, na qual ele apresenta seus planos missionários e expõe o evangelho que prega. Essa exposição do evangelho é feita à luz das questões judaicas da época. Paulo antecipa as objeções que os judeus cristãos e os judeus em geral fariam à exposição da doutrina da justificação pela fé e suas consequências para o papel da lei, a situação de Israel nos planos de Deus, as obras da lei, como circuncisão, a dieta religiosa e o calendário sagrado dos judeus. A carta, portanto, teria essas finalidades, o que explica seu caráter geral, a audiência judaica em mente e a escolha dos temas. Em contrapartida, Paulo teria aproveitado para abordar algumas questões práticas da igreja, como o relacionamento entre os “fracos” e os “fortes,” tendo tomado conhecimento da ocorrência de tais problemas nessa igreja. Por fim, pensando em Romanos 15.14-16, pode ser que o apóstolo também tenha desejado firmar a igreja nas verdades ouvidas e, como apóstolo dos gentios, estabelecer o seu fundamento apostólico.

Romanos é uma exposição clara e profunda da mensagem que Paulo pregava, a qual foi dirigida aos romanos, em preparação à sua visita e em busca de ganhar o apoio deles para a missão. Daí a necessidade de lhes assegurar acerca da sua mensagem e doutrina. Se Roma haveria de ser a base para as futuras viagens missionárias de Paulo, uma carta como Romanos seria necessária.

## A divisão da carta

A carta de Paulo aos Romanos pode ser dividida em cinco grandes blocos, nos quais o apóstolo trata de temas considerados necessários para deixar clara a mensagem que prega e também daqueles temas mais próximos da igreja de Roma. Portanto, a clássica divisão da referida carta segue, em geral, o seguinte esboço:

### Prefácio e apresentação de seus planos (1.1-17)

1. A condenação de toda a raça humana (1.18—3.20)
2. Justificação pela fé (3.21—5.21)
3. Vida de santidade (6.1—8.39)
4. Israel e o evangelho (9.1—11.36)
5. Orientações práticas para a igreja de Roma (12.1—15.33)

### Saudações e orientações finais (16.1-27)

Nesta obra, tratarei apenas dos capítulos de 1 a 7. Será limitada, portanto, às três primeiras grandes divisões da carta. Meu objetivo é expor com clareza e de maneira acessível os temas grandiosos desenvolvidos pelo apóstolo Paulo nesses capítulos. Queira Deus usar esta obra para a propagação da mensagem de Romanos.

## CAPÍTULO 1

# O EVANGELHO DE DEUS

## Romanos 1.1-7

### Prefácio e saudação

*Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente, nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.*

### Um projeto missionário

**N**este capítulo, observaremos o prefácio e a saudação da carta que Paulo escreveu aos crentes de Roma. O trecho abordado segue o padrão das cartas da época: Paulo

Escrita por volta de 57 d.C, a Carta aos Romanos foi endereçada por Paulo a cristãos que ele não conhecia pessoalmente. No entanto, mais que uma igreja de desconhecidos, o apóstolo escrevia para uma igreja dividida pelas tensões entre cristãos judeus e gentios. Dessa forma, essa epístola nasce da necessidade do apóstolo de apresentar suas credenciais aos cristãos de Roma, o que ele faz ao mostrar a essência da sua pregação: o evangelho — uma mensagem que para Paulo não era motivo de vergonha, mas, sim, o “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16).


Neste volume, Augustus Nicodemus expõe os 7 primeiros capítulos dessa mensagem poderosa de Paulo aos cristãos de Roma para nos lembrar que a salvação oferecida pelo evangelho só pode ser alcançada mediante a união com Cristo, em sua morte e ressurreição.


Ouvi praticamente todas as mensagens que deram origem a esse livro. Foram dezenas de sermões, agora transformados em centenas de páginas de clara explicação do texto de Romanos 1—7, sem acrescer ou tirar de seu conteúdo. O livro que você tem em mãos reúne capacidade acadêmica, fundamento bíblico-teológico, clareza homilética, reflexão prática e, certamente, iluminação do Espírito Santo. Sem dúvida, um comentário de Romanos que merece destaque.

---

MAURO MEISTER, pastor da Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo, diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e autor do livro *A origem da idolatria* (Vida Nova)

  
VIDA NOVA  
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes

 @edicoesvidanova

 @edicoesvidanova

ISBN 978-85-275-0897-1



9 788527 150897 1